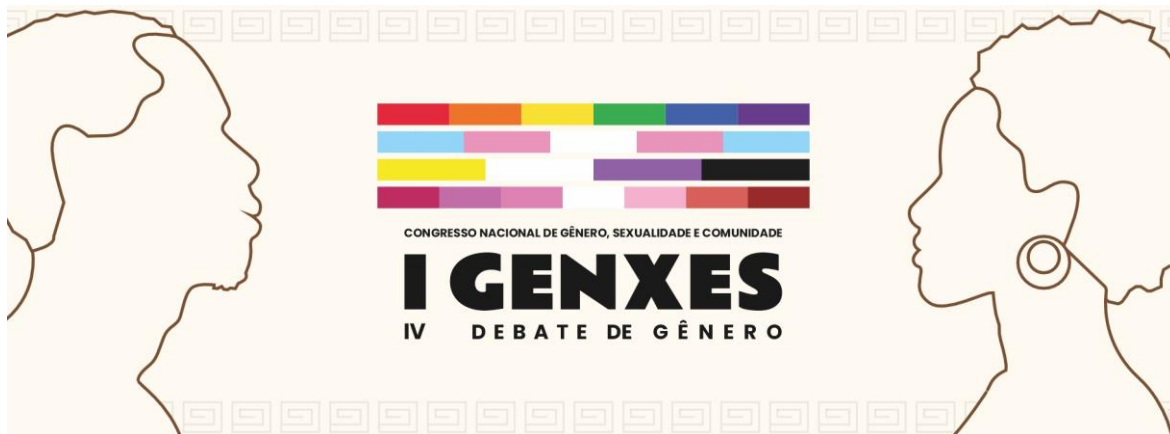




MORTIFICAÇÃO DO FEMININO EM INSTITUIÇÕES TOTAIS: UMA ANÁLISE PSICOLÓGICA DA REALIDADE HISTÓRICA DOS CONVENTOS REPRESENTADA PELO FILME EM NOME DE DEUS

Gênero, Sexualidade, Religião e Religiosidades

Ariane Fátima de Brito Ferreira¹

Maria Aparecida Trindade²

RESUMO

O trabalho objetiva debater a temática do controle da sexualidade e do corpo feminino, a partir da inclusão de mulheres em instituições cristãs totalitárias. Tendo-se como base uma vivência real trazida por uma obra cinematográfica sobre os conventos das Irmãs Madalenas, retrata-se uma cultura interna de imposição de normas de pureza, castidade e submissão, associadas à culpa e punição, no qual, mulheres que socialmente já tinham suas identidades negadas por um sistema social e cristão patriarcal vigente, deparavam-se com a continuidade da mortificação das suas personalidades ao serem internadas nesses ambientes, gerando impactos psíquicos negativos sobre a visão de si e para o mundo. O trabalho desenvolveu-se a partir de uma análise fílmica em consonância com conceitos teóricos da Psicologia, permitindo um embasamento crítico às vivências de sofrimento dessas mulheres, de modo a concluir-se a importância dessa área perante as consequências causadas pelas estruturas de opressão social e do posicionar-se politicamente sobre as injustiças de dominação feminina, em prol de uma Psicologia transformadora e ética que não negligencie o sofrimento humano.

Palavras-chave: Gênero feminino, identidade, opressão, religiosidade, instituições totais.

INTRODUÇÃO

Relacionar a temática das Instituições Totais com a Psicologia, é compreender o lado crítico e não negligente da profissão em sua atuação ética (CFP, 2005) a respeito dos possíveis impactos na personalidade e nos sentidos individuais, quando experencia-se vivências opressoras e violentas nos contextos sociais macro e micro (Melo *et al*, 2023).

¹ Centro Universitário Doutor Leão Sampaio – UNILEÃO, Graduanda em Psicologia, arianebfpsi@gmail.com.

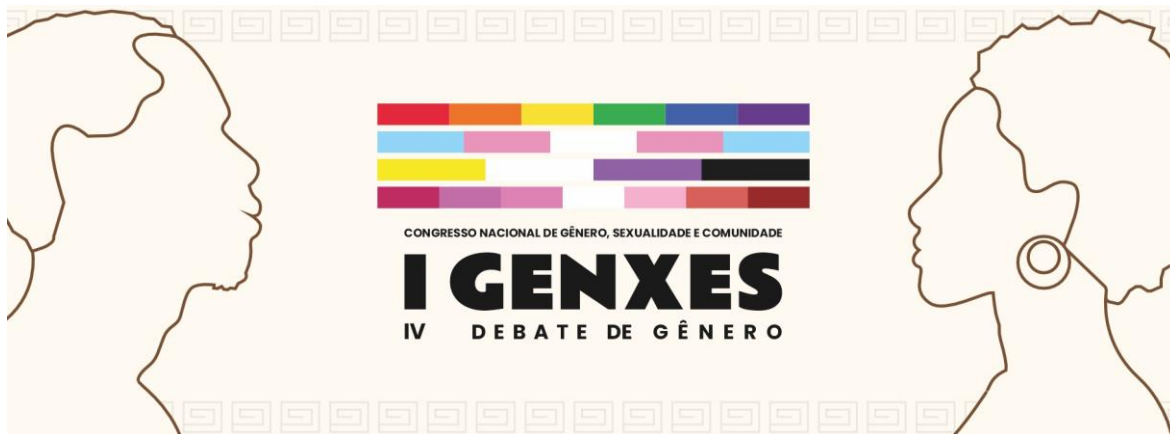
² Centro Universitário Doutor Leão Sampaio – UNILEÃO. Mestra em Psicologia Social pela Universidade da Federal Paraíba - UFPB. mariaaparecida@leaosampaio.edu.br.



Goffman, (1961) caracteriza as instituições supracitadas como as que mantêm culturas internas de imposição educacional baseado em morais conservadoras, no qual, um conjunto de práticas são aplicadas a quem se insere nesses ambientes, em prol da modulação do ser em contrapartida à comportamentos e personalidades considerados inadequados, com consequente mortificação da identidade. Esse modelo remete às educações bancárias descritas por Freire, (2013), não promotora de reflexões em busca da autonomia, mas em linguagens de absorção de instituições sociais detentoras de poder que defendem o processo de institucionalização para controle de condutas, porém, esta lógica interfere diretamente na identidade e na busca de sentidos do ser (Goffman, 1961).

Desse modo, este trabalho tem como justificativa acadêmica contribuir para reflexões atuais sobre os modelos de educação e assistência institucionais que, apesar de possuírem cunho social e repensarem algumas posturas opressoras anteriormente adotadas, carregam resquícios culturais embasados em paradigmas totalitários, logo, levantou-se enquanto questionamento em como as vivências de mulheres institucionalizadas em conventos sob a lógica patriarcal influenciaram na mortificação de suas identidades? Assim, tendo-se como objetivo geral demonstrar como as vivências de mulheres institucionalizadas em conventos sob a lógica patriarcal, influenciaram na mortificação de suas identidades, norteou-se como objetivos específicos analisar os impactos psicossociais no desenvolvimento da personalidade de mulheres institucionalizadas, conectar estes impactos com a mortificação de suas identidades, bem como demonstrar a importância dos movimentos feministas e da Psicologia no repensar o lugar dessas mulheres em sociedade e de sua libertação.

Utilizando-se como metodologia a análise fílmica à luz das teorias psicológicas, fez-se uma crítica à realidade histórica retratada no filme “Em nome de Deus (2002)”, em conjunto com uma revisão bibliográfica que desse embasamento aos fatos retratados por esta arte, por meio das áreas que envolvem a Psicologia Institucional, Social, Saúde do Trabalhador, da Família, da Diversidade, o Código de Ética Profissional da Psicologia, bem como outros textos relevantes para a reflexão, de modo a demonstrar as várias frentes



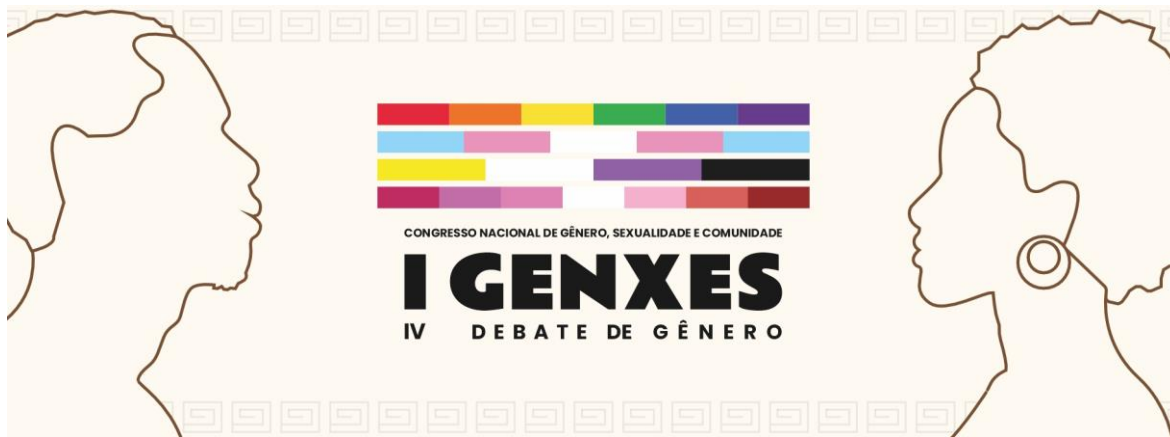
que os modelos opressores de instituições totais possam impactar negativamente no psicológico feminino, perante o conflito entre significados impostos e sentidos sociais silenciados.

Conclui-se que, apesar de alguns grupos detentores de poder dentro dessas instituições repensarem seus modelos de atuação social, as características de modelos totalitários citadas anteriormente ainda são identificadas na atualidade, mesmo quando em instituições de cunho social, no qual, no caso dos conventos, encontra-se denúncias recentes de administrações de cunho totalitário no exterior e no Brasil, logo, é de grande relevância que a Psicologia adentre em discussões sobre essas temáticas perante o princípio ético de atuação profissional crítico e histórico responsável, analisando as realidades com que sua atuação possa se deparar, posicionando-se politicamente perante contextos de opressão causadores de adoecimento e anulação individual, bem como reforçando o seu embasamento de atuação na Declaração Universal dos Direitos Humanos (CFP, 2005).

METODOLOGIA

Rabelo, Santos e Borges (2019) retratam a análise fílmica como uma metodologia que envolve um caráter interpretativo das narrativas e imagens reproduzidas, no qual, oportuniza contato com um recorte de comportamentos temporais, porém, relevantes para a percepção de eventos reais sobre o mundo concreto, já que a mídia audiovisual possui um potente lugar “político, econômico e social” sobre os indivíduos, como descreve Bauer e Gaskel (2002). Ou seja, é uma forma de demonstrar representações sociais em seus aspectos de valores, cultura, ideologias preponderantes e dinâmicas de funcionamento momentâneos que, como descreve Strey *et al.* (2013) estão conectados por relações, logo, as representações são a materialidade da convivência social.

Assim, este trabalho propõe uma análise crítica da obra fílmica “Em nome de Deus (2002)” do diretor Peter Mullan, a partir de uma revisão bibliográfica à luz das

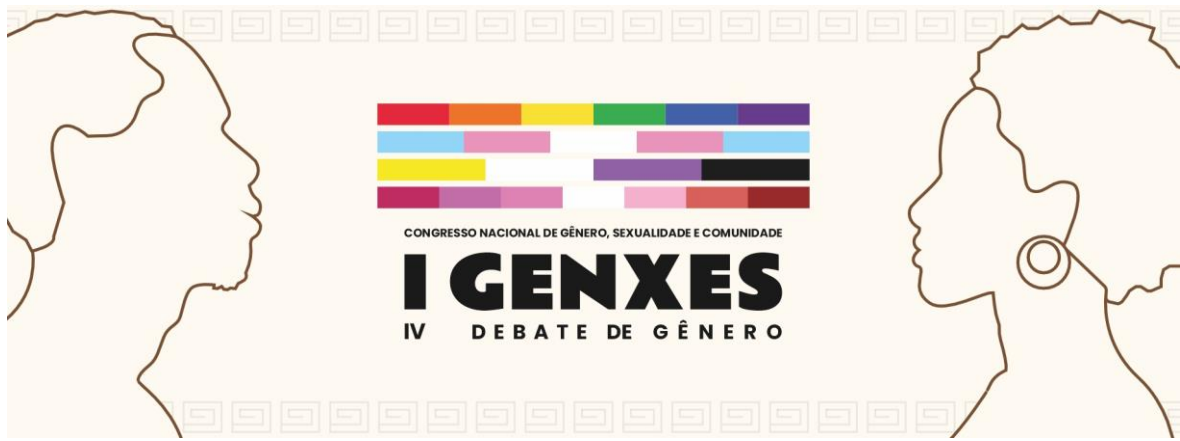


teorias psicológicas, em prol de conectar uma realidade histórica retratada pela arte, com conhecimentos científicos que proporcione um olhar teoricamente fundamentado sobre os acontecimentos inerente às mulheres impostas às condições demonstradas no referido filme, bem como analisar a perspectiva contemporânea da temática que envolvem as opressões à identidade feminina na sociedade.

Trata-se então de uma pesquisa qualitativa, por envolver um debate das relações femininas para com a sociedade e com a religião cristã e destas para com essas mulheres (Flick, 2009), com objetivo explicativo de demonstrar as conexões existentes entre um sistema patriarcal cristão e o processo de mortificação da identidade pessoal e social feminina, bem como o sofrimento consequente. Logo, a partir de descrições visuais do filme e de discursos expostos que retratam a cultura dos conventos sobre o controle do comportamento feminino, visa-se à uma pesquisa básica pura, em prol de desenvolver outros conhecimentos e percepções a partir da Psicologia sobre a temática, em diálogo com uma realidade concreta que demarca a história do feminino em sociedade (Gil, 2018).

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Molon (2015) quando retrata a temática do desenvolvimento do pensamento social resgata as perspectivas de Vigotski sobre a linguagem ser o fator de mediação das interações humanas, no qual, desencadeia atividade/movimento de cunho social que promove interpretações, reinterpretações, significações e sentidos sobre o mundo a partir das vivências cotidianas (Melo *et al.* 2023). Desse modo, a arte aparece como um fator de mediação social, pois engloba distintas formas de linguagens em prol de que uma determinada mensagem alcance públicos de distintas categorias, mensagem esta muitas vezes com embasamento em vivências concretas, sendo simbolizadas e externadas em outros formatos em busca de promover outros olhares, reflexões ou mesmo para descrever uma realidade. É quando Vygotsky (1896-1934) aborda sobre o fato de toda obra de arte perpassar a linguagem para sua construção, logo, não há como distanciá-la de uma base



psicossocial sobre o ser humano, pois a “arte é o social em nós”, sendo o cinema uma das artes que retratam essa afirmação.

O filme “Em nome de Deus (2002)” dirigido por Peter Mullan e disponível na plataforma Youtube em <<https://www.youtube.com/watch?v=xKMf1dx6HQM>> por Sampaio (2024), retrata uma realidade histórica vivida na Irlanda em meados do século XX, no qual, uma rede de conventos conhecido como das Irmãs Madalenas, encarceravam mulheres consideradas moralmente desviantes da sociedade da época e utilizavam a fé cristã como forma de culpabilização e justificativa para o modelo de educação autoritário e controlador da figura feminina. A denominação dos conventos em referência à Maria Madalena, demonstra o peso que essa mulher carregaria pelos pecados cometidos ao ser internada, no qual, pela narrativa de Mullan (2002), abrangia mulheres estupradas, grávidas fora do matrimônio, consideradas perigosas aos desejos masculinos por suas belezas, prostitutas e outros comportamentos destoantes do papel feminino culturalmente imposto.

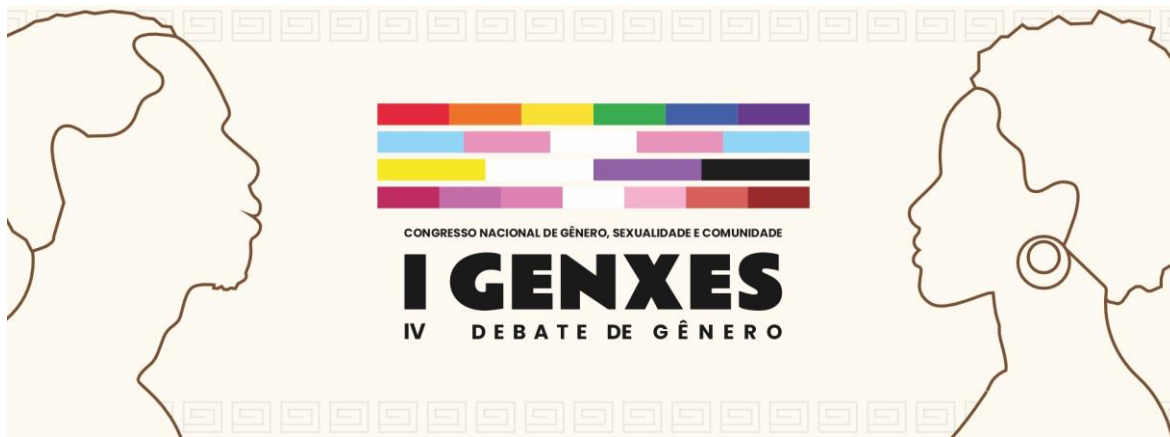
Essa normatização é coerente com a cultura familiar de uma época em que Prado (1985) reforça ser moldada a partir de valores culturais, assim, o destino dessas mulheres estavam nas mãos do poder de instituições religiosas e familiares patriarcais, que, apesar de serem consideradas instituições sociais, definidas como somatório de condutas normativamente aceitas em sociedade, dentro de uma estrutura organizada que promove experiências de longo prazo em prol da satisfação de necessidades de quem as pertence; pode apresentar características ou mesmo definir-se como uma instituição total (Benelli, 2014). Lapolli *et al.*, (2022) descreve o patriarcalismo como um sistema construído socialmente a partir de questões econômicas, morais e políticas em que se define a figura masculina como detentora de poder sobre o gênero feminino e os mais jovens, caracterizando a valorização do lugar masculino em sociedade que justifica o poder para tomada de decisões e comportamentos aceitáveis, logo, essa figura masculina de autoridade refletia sobre o controle dos corpos e da identidade feminina, tanto em sociedade, quanto em contextos familiares.



Prado (1985) descreve que, apesar de carregar a ideia positiva de um lugar de afeto, a família também acompanha em sua história normas e costumes severos no que tange à liberdade de ser das mulheres, causadores de conflitos internos somado à discursos geradores de culpa, como forma de controle e repressão feminina. Assim, Goffman (1961) aponta como uma das características das instituições totais o isolamento, orientando-se ampliar a percepção do termo instituição que ultrapasse a lógica dos muros e visualize-se como um conjunto de fatores autoritários que norteiam a cultura de um ambiente, com uma justificativa educacional moral. Além disso, o local torna-se o trabalho e a morada de um conjunto de pessoas reunidas por motivos semelhantes e vivem à mercê de rotinas rigidamente padronizadas e humilhantes, em que as normas giram em torno da lógica da dominação de classes entre os dirigentes e os usuários.

No processo de admissional, o filme demonstra uma série de dominações para a mortificação do Eu dessas mulheres, descrito por Ferreira (2012) como um processo de imposição de uma nova forma de ser a partir do olhar do outro e não do eu sobre si, assim, após o apagamento da presença social, as internas dirigem-se com seus pertences pessoais em caixotes, vestimentas padronizadas e realiza-se a alteração de seus nomes por de santas, no qual, aspectos singulares das identidade são extraídos como forma de enquadramento, segundo Goffman (1961). Há a marginalização dos fatores preexistentes de auto-identificação, em que o autor descreve o quanto a troca do nome pode ser uma grande mutilação, que, no caso das internas das Madalenas, impõe-se uma identidade santificada perante o apagamento de uma referência a uma história considerada moralmente desviante.

No discurso admissional da Madre superiora às internas, o filme retrata a utilização das penitências de Maria Madalena como referência justificável ao trabalho que exercerão na lavanderia integrada à essa rede de conventos, ou seja, uma forma de “remoção dos pecados” segundo a narrativa de Mullan (2002), no qual, ocorre também o teste de obediência trazido por Goffman (1961) em que ocorrem ofensas da madre para com uma das internas, quando esta questiona ser um engano estar no convento. O trabalho explorador a qual as internas são submetidas é fundamentado pela culpabilização e

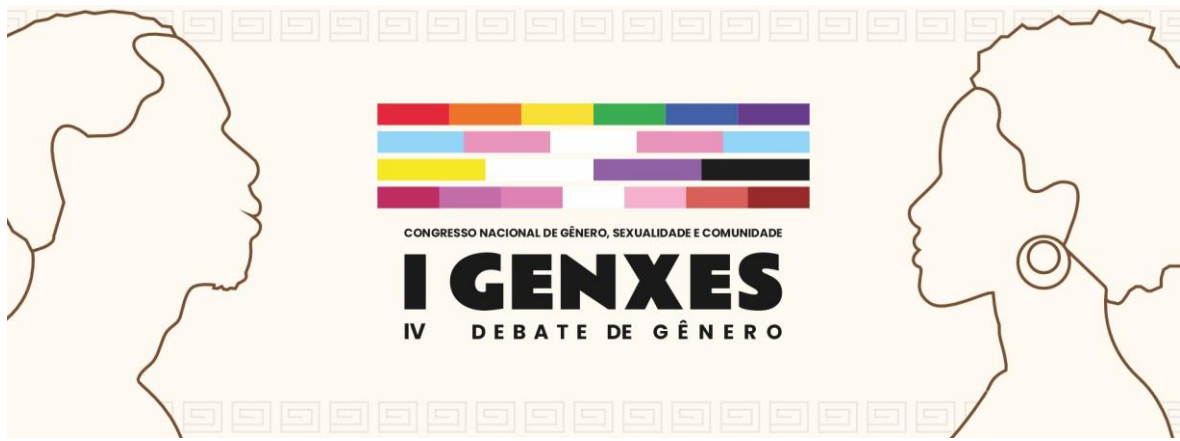


alienação sem espaços para questionamentos, no qual, Strey *et al.* (2013) explica ideologia como sendo visões e valores pessoais em que, as de cunho negativo, são as ideias produzidas e reproduzidas de formas distorcidas em prol da manutenção de relações de dominação. Ou seja, o filme de Mullan (2002) demonstra a lógica de dominação quando há uma superioridade moral para a ser respeitada e obedecida perante os afazeres trabalhistas, de forma autoritária e inquestionável. Além disso, Strey *et al.* (2013) apresenta a perspectiva concreta e dinâmica das aplicações ideológicas, em que a primeira ocorre quando o convento referido no filme é reproduzido como uma instituição constituinte de ideologias perante as internas; e a segunda pela indução à sua prática internamente.

Castigos físicos, violências psicológicas e sexuais, raspas de cabelo, proibição de diálogos, humilhações diversas e privação de liberdade abordados por Mullan (2002) em sua obra, demonstram o estigma de marginalização social que as mulheres eram submetidas perante uma cultura social de controle. O silenciamento externo após serem retiradas da sociedade, somavam-se ao interno através da reprodução da lógica social de vigilância extrema à figura feminina (Goffman, 1961), no qual, impactos psicológicos dessas repressões podem desencadear na baixa autoestima dessas mulheres, tanto pelas vivências afetivas negativas que comprometem a forma como se veem e reconhecem a si mesmas; como nos sentidos construídos ou em construção (Melo *et al.*, 2023).

Perante tamanhas opressões, o fatalismo incorpora-se à algumas dessas internas, engessando uma potência de ação para mudança desses contextos, como descreve Góis (2008), findando na institucionalização de algumas identidades como descreve Goffman (1961), abordado no filme quando uma interna não retira-se do local através da fuga, mesmo quando a oportunidade lhe aparece, ou seja, é a perda da identidade social, a ausência de um lugar de pertencimento, provocada pela desesperança aprendida no contexto de opressões, como define Góis (2008).

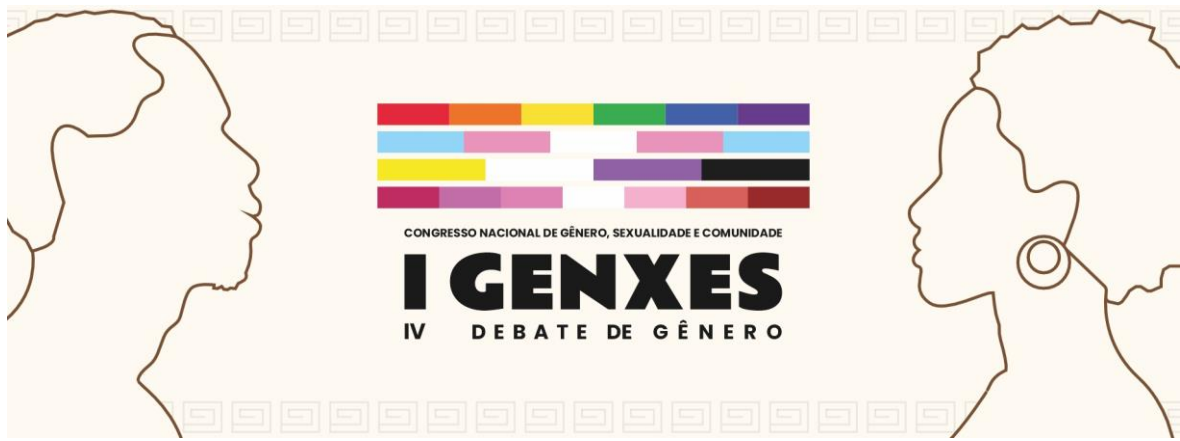
A Psicologia adentra nos debates sobre instituições totais, quando percebe a repercussão negativa que essas vivências causaram e causam na vida dessas mulheres, demonstrado quando Martins (1996) aborda que a maioria das que contatou para sua



matéria, opta por não falar sobre o assunto e uma descreveu em ser um tema que provoca muita dor. Assim, perante a percepção de identidades extraídas por um sistema social de controle de corpos femininos, a Psicologia tem como um dos seus princípios éticos promover a saúde individual e coletiva, principalmente quando ocorre situações de opressão e violência que trazem consequências diretas na subjetividade humana (CFP, 2005). O processo de conscientização é essencial para compreensão das contradições das estruturas sociais, no qual, a partir desses questionamentos, desenvolve-se uma consciência de si sobre o entendimento das organizações sociais de poder e suas manutenções, como descreve Lane (1984).

A autora acima ainda reforça que a conscientização gera atividade e mudança social, processo esse que durante muito tempo foi e ainda tenta-se negar às mulheres, pois a sua alienação alimenta um sistema patriarcal de privilégios e dominação, no qual, reverbera diretamente na forma de ser da mulher em sociedade, na dificuldade de percepção da diversidade social abordada por Lapolli *et al.*,(2022), no engessamento dos papéis sociais e sobre a autonomia feminina. Assim, a Psicologia tem como uma profissão de enfrentamento e desideologização das estruturas de opressão, bem como sobre o acolher os resquícios emocionais passados e de histórias contemporâneas vinculadas a vivências em instituições totais religiosas causadoras de sofrimento humano.

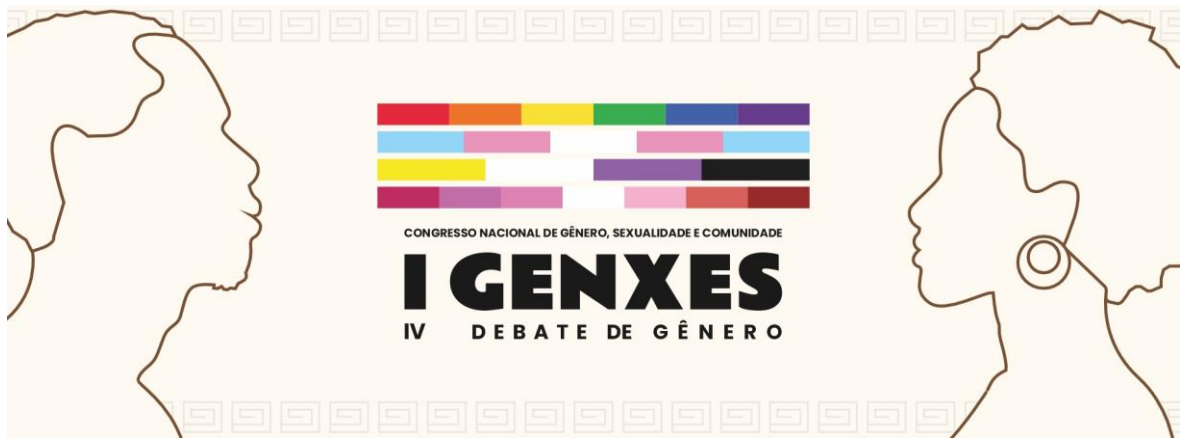
Martin Baró (2017), por intermédio da Teologia da Libertação, promove o questionamento sobre a responsabilização da cultura cristã em fomentar o fatalismo através da filantropia, sem atentar em oportunizar que os indivíduos, em condições de vulnerabilidade, acessassem processos de conscientização em prol da mobilização social perante as estruturas injustas e permissivas de dominação. Esse movimento dialoga com a Teologia feminista, no qual, perante a abertura do olhar dominante da cultura cristã sobre os corpos femininos, Rosado (2001) afirma que as próprias devotas da religião começaram a questionar essas condutas, desencadeando a busca de novas compreensões dos textos bíblicos que reverberasse não só no âmbito das igrejas, mas na sociedade como um todo. É sobre a identidade de projeto descrita por Lapolli *et al.*,(2022), no qual, a partir de um



modelo de uma identidade legitimadora imposta por instituições sociais de poder para manter uma moral e estruturas de dominação, reconhece-se uma identidade de resistência que é desvalorizada socialmente e busca a identidade de projeto que se opõe as opressões e busca transformar as convenções sociais naturalizadas. Assim, Rosado (2001) reforça que, a partir da década de 60, debates, movimentos de resistência produções de obras literárias permitiram adentrar a temática no âmbito acadêmico e a consequente conscientização e luta de resistência feminina, perante práticas religiosas cristãs e outras com paradigmas totalitários sobre as mulheres.

Apesar o diretor Peter Mullan (2002) retratar uma realidade exterior ao Brasil e de uma outra época, não se desatenta para o fato de que resquícios desses modelos possam ser identificados na atualidade, já que a última lavanderia foi encerrada há apenas 29 anos na Irlanda e ondas neoconservadoras vem adentrando em espaços políticos em nosso país em prol da defesa da família e da moral cristã, como reflete Biroli, Vaggione e Machado (2020). Além de uma tentativa de controle social sobre a diversidade humana, esse modelo de família não abraça as configurações distintas existentes, pois visa a defesa do formato patriarcal dualista em que há um homem e uma mulher como genitores e seus referidos papéis definidos na lógica conservadora cristã (Lapolli *et al.*, 2022).

As pautas referidas propõem à mulher o lugar de submissão e servidão, reproduzindo modelos totalitários que não só fere a identidade, mas a dignidade pertencente a qualquer integrante da família, bem como ao direito a igualdade, equidade, liberdade e justiça prevista na Declaração Universal dos Direitos Humanos (1948). A Psicologia quando se questiona historicamente sobre seu posicionamento perante as consequências da injustiças e opressões sociais, como aponta Gonçalves (2019), repensa o onde, como e para quem age diante às questões que envolvem convenções e estruturas sociais, através de uma atuação humanizada, política, crítica e transformadora e que tem, a referida declaração, como base ética para atuação profissional. Logo, a Psicologia, tendo como sua maioria profissionais o gênero feminino e como princípio ir contra qualquer



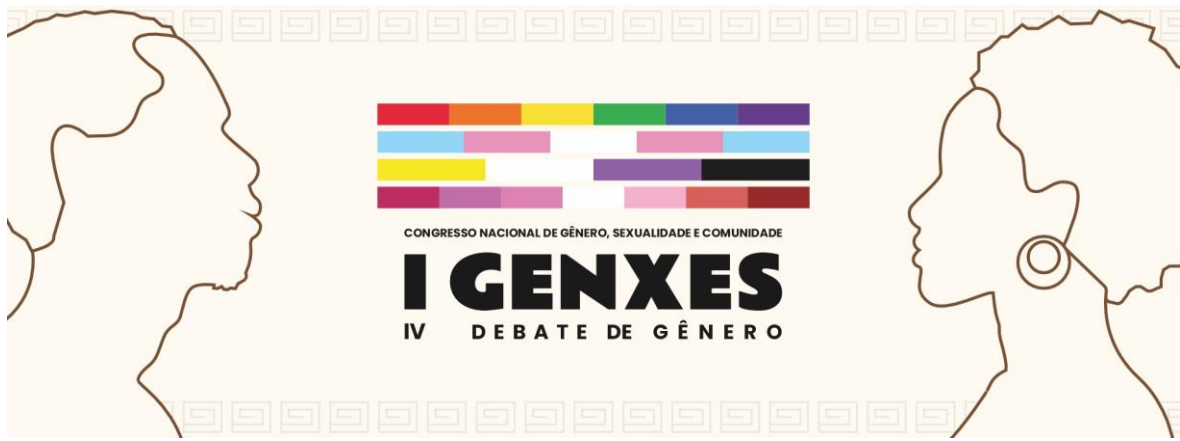
forma de opressão, discriminação e violência, há de se posicionar perante possíveis ameaças aos direitos de ser das mulheres em sociedade (CFP, 2005).

CONCLUSÃO

As representações sociais fazem parte dos entendimentos construídos a nível de senso comum que auxiliam determinado grupo na compreensão de determinadas experiências da realidade que tem acesso, como descreve Strey *et al.* (2013). Essas interpretações acontecem por nossa forma de ser em sociedade não ser estática, no qual, vão se reconstruindo outras representações a partir de novas percepções e comunicações humanas, buscando a transformação de uma realidade anterior que não se sustenta mais dentro da diversidade social, como reforça Moscovici (2015).

A arte através no cinema proporciona um olhar sobre a linha do tempo de temáticas sociais, pois consegue-se analisar, a partir das histórias abordadas, a cronologia dos processos por detrás dos avanços e retrocessos sobre os contextos que envolvem os grupos minorizados, ou seja, que sofrem represália social, como denomina Lapolli *et al.* (2022). Além disso, permite um paralelo com o quanto a atualidade ainda se conecta com resquícios de passados conservadores, no qual, demonstra a necessidade da continuidade de movimentos de resistência para que os progressos não sejam comprometidos e para que as consequências de desumanidade de ações de opressão, corroboradas pela cultura de um momento, não sejam silenciadas e esquecidas.

Concluindo, a Psicologia deve estar a par sobre as questões que envolvem o funcionamento em sociedade, que podem causar impactos psicossociais na personalidade humana, já que tem como princípio ético atuar em prol da dignidade e liberdade humana. Assim, a prática em Psicologia deve reconhecer a diversidade social e envolver-se no processo constante de transformação das convenções sociais que comprometem o reconhecimento e a construção de identidades, atuando em oposição às figuras de dominação que causam sofrimento, a partir da ética profissional de ir contra qualquer



forma de exploração. Ou seja, uma prática profissional em Psicologia que priorize sua responsabilidade social crítica a respeito de compreender as realidades sociais, econômicas e políticas que envolvem os grupos minorizados, que, no caso deste trabalho, aponta-se como destaque a ameaça aos direitos das mulheres, através de tentativas neoconservadoras de efetivação de condutas patriarcalistas que tendem a continuar o controle sobre os corpos e identidades femininas (CFP, 2005).

REFERÊNCIAS

_____. Assembleia Geral da Organização das nações unidas - ONU. **Declaração Universal dos Direitos Humanos**, 1948. Disponível em <<https://www.unicef.org/brazil/declaracao-universal-dos-direitos-humanos>>. Acesso em 10/04/25.

BARÓ, Ignacio Martin. (1942- 1989). **Crítica e libertação na psicologia**: estudos psicossociais. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.

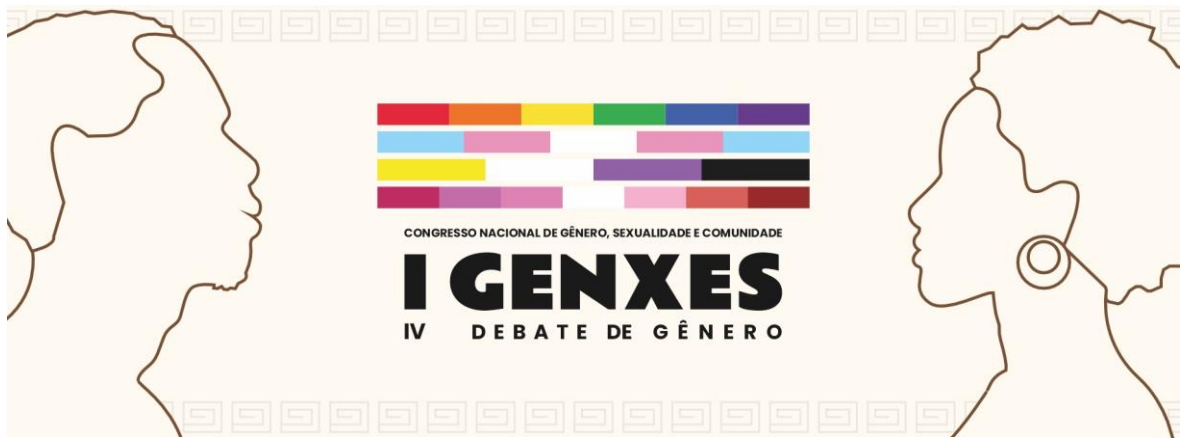
BAUER, Martin W., GASKELL George. **Pesquisa qualitativa com texto**: imagem e som: um manual prático. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

BENELLI, Silvio José. **A lógica da internação**: instituições totais e disciplinares (des)educativas. São Paulo: Editora Unesp Digital, 2014.

BIROLI, Flavia. VAGGIONE, Juan Marco; MACHADO, M^a das Dores C. **Gênero, neoconservadorismo e democracia**: disputas e retrocessos na América Latina. 1^aed. São Paulo: Boitempo, 2020.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA - CFP. **Código de ética profissional do Psicólogo**. Resolução n.º 10/05, Brasília: CFP, 2005.

FERREIRA, Marcelo Santana. **Polissemia do conceito de instituição**: diálogos entre Goffman e Foucault. Revista ECOS - Estudos Contemporâneos e Subjetividade.v.2.nº1.



2012. Disponível em < <https://periodicoshumanas.uff.br/ecos/article/view/826>> Acesso em 10/04/25.

FLICK, Uwe. **Introdução à pesquisa qualitativa**. 3ª ed. Porto Alegre: Artmed, 2009.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido** [recurso eletrônico]. 1ª. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013.

GIL, Antº Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 6ª ed. São Paulo: Atlas, 2018.

GOFFMAN, Erving. **Manicômios, prisões e conventos**. Perspectiva: São Paulo, 1961.

GÓIS, C. W. L. **Saúde comunitária: pensar e fazer**. São Paulo: Hucitec, 2008.

GONÇALVES, Mariana A. **Psicologia Favelada: ensaios sobre uma construção de uma perspectiva popular em psicologia**. Rio de Janeiro: Mórula, 2019.

LANE, Silvia T.M. **Psicologia Social: o homem em movimento**. 8ª.ed. São Paulo: Brasiliense, 1984.

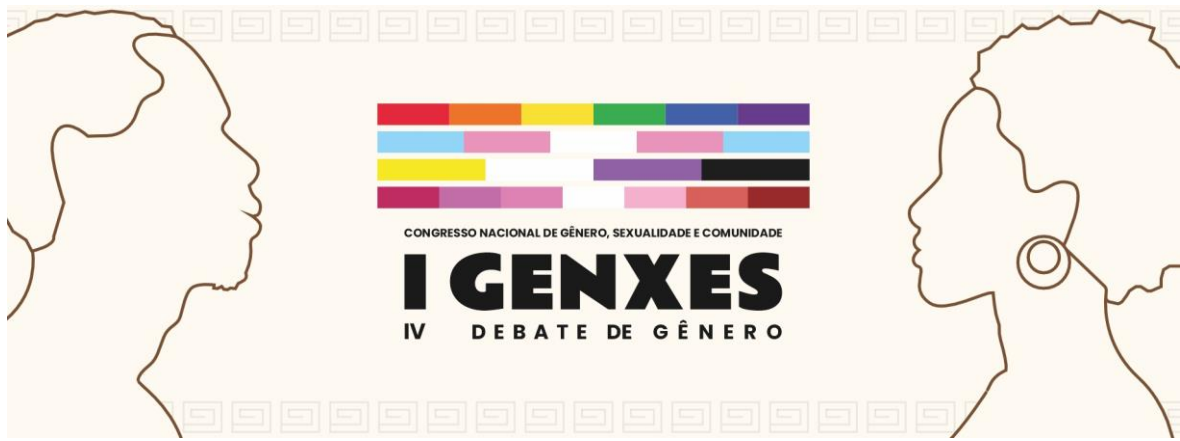
LAPOLLI, Édis Mafra; *et al.* **Diversidades: O bê-á-bá para a compreensão das diferenças**. Conselho editorial Áureo dos Santos. 1ªed. Florianópolis: Pandion, 2022.

MARTINS, Lucia. **'Madalenas' lavaram pecado em conventos**. Folha de São Paulo: São Paulo, 1996. Disponível <<https://www1.folha.uol.com.br/fsp/1996/12/29/mundo/12.html>> Acesso em 17/03/25.

MELO, Aline Guilherme de; *et al.* **Práxis na clínica histórico-cultural: por uma clínica da transformação e do desenvolvimento**. Fortaleza: Expressão Gráfica, 2023.

MOLON, Susana I. (2015). **Subjetividade e constituição do sujeito em Vygotsky**. 5ªed. Vozes. AJEITAR

MOSCOVICI, Serge. **Representações sociais: investigações em psicologia social**. 11ªed. Petrópolis. RJ: Vozes, 2015.



PRADO, Danda. **O que é família.** Coleção Primeiros Passos. São Paulo: Abril Cultural/Brasiliense, 1985.

RABELO, Thiago da Silva; SANTOS, Lorrayne Caroline dos; BORGES, Rosana Maria Ribeiro. **A Análise Fílmica como Metodologia de Comunicação:** uma reflexão a partir do pensamento complexo. INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. XXI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Centro-Oeste. Universidade Federal de Goiás – UFG. Goiânia, 2019. Disponível em <<https://portalintercom.org.br/anais/centrooeste2019/resumos/R66-0211-1.pdf>>. Acesso em 10/04/25.

ROSADO, Maria José. **O impacto do feminismo sobre o estudo das religiões.** Cadernos PAGU (16) 2001: pp.79-96. (2001). Disponível em <<https://doi.org/10.1590/S0104-83332001000100005>>. Acesso em 17/03/25.

SAMPAIO, Rodrigo. **Em nome de deus (the magdalen sisters) (2002) [hd] (dublado).** 18 de set. de 2024. Plataforma Youtube. 1hora59minutos e 36 segundos de duração. Direção: Peter Mullan, (2002).Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=xKMf1dx6HQM>>. Acesso em 16/03/25.

STREY, Marlene Neves; *et al.* **Psicologia social contemporânea:** livro-texto. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

VIGOTSKI, L. S. (1896/1934) **Psicologia da arte.** São Paulo: Martins Fontes, 1999. Disponível<https://ia903103.us.archive.org/24/items/PsicologiaDaArteVigotski/228739061-Psicologia-Da-Arte-Vigotski_text.pdf>. Acesso em 10/04/25.